



Carta do Ministro Geral

Mauro Jöhri OFM Cap

**CARTA CIRCULAR POR OCASIÃO DOS 300 ANOS DA
CANONIZAÇÃO DE SÃO FÉLIX DE CANTALÍCIO**

18 de maio de 2012

© Copyright by:
Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini
Via Piemonte, 70
00187 Roma
ITALIA

tel. +39 06 420 11 710
fax. +39 06 48 28 267
www.ofmcap.org

Ufficio delle Comunicazioni OFMCap
info@ofmcap.org
Roma, A.D. 2016

SOMMARIO

I. Breve perfil biográfico de frei Félix	5
1. Anos difíceis para uma Ordem nascida há pouco.....	5
2. Homem do povo e homem de Deus	6
3. No meio deles estivera um santo	7
II. A mensagem de frei Félix para nós hoje	9
1. Ser dom aos irmãos	9
2. Contemplativos na ação.....	9
3. Os capuchinhos: frades do povo	10

**ARTA CIRCULAR POR OCASIÃO DOS 300 ANOS
DA CANONIZAÇÃO DE SÃO FÉLIX DE CANTALÍCIO
(1515-1587)**

Prot. N. 00289/12

Caríssimos Irmãos,

No dia 22 de maio de 1712, o Papa Clemente XI elevava à honra dos altares e inscrevendo no elenco dos santos frei Félix de Cantalício. A trezentos anos de distância, em comunhão com os irmãos da Província Romana, queremos recordar a figura deste confrade, o primeiro santo de nossa Ordem. O ano do tricentenário coincide com o ano do 84º Capítulo Geral tornando-se pois, ocasião privilegiada para reportar-nos às raízes da nossa história e abrir-nos para acolher o Espírito e ser memória vivente da presença de Cristo no mundo.

Inclinai os ouvidos do vosso coração e obedecei à voz do Filho de Deus.

Guardai de todo o vosso coração os seus mandamentos

e cumpri com perfeição os seus conselhos.

São Francisco de Assis, *Carta ao Capítulo Geral e a todos os frades* (FF, 216).

I. BREVE PERFIL BIOGRÁFICO DE FREI FÉLIX

1. ANOS DIFÍCEIS PARA UMA ORDEM NASCIDA HÁ POUCO.

Félix fez-se capuchinho pelo final de 1543, batendo à porta do Convento de Cittaducale. Nascido em Cantalício, pequeno centro do vale de Rieti, em 1515, Félix era na época serviçal dependente da rica família Picchi de Cittaducale. Ele fez seu ano de noviciado no convento de Anticoli de Campagna, como era chamada então Fiuggi, no mesmo lugar onde alguns anos antes morrera improvisamente uma das grandes personalidades da Ordem, frei Francisco Tittelmans da Hasselt (Belgica). Aluno e depois também docente da prestigiosa Universidade de Lovaina, o Tittelmans ingressou na Ordem dos Frades da Observância nos anos 1521/1522, mas tendo conhecimento da existência dos frades capuchinhos, viajou para a Itália e foi até Roma em 1535/1536, sendo acolhido em nossa Ordem. A pouco menos de um ano de seu ingresso na Ordem foi eleito Vigário Provincial da Província de Roma, mas em 12 de setembro de 1537 morreu repentinamente enquanto estava em visita aos frades no convento de Anticoli de Campagna (Fiuggi).

Para a Província Romana apagava-se uma grande esperança, mas poucos anos após, no mesmo lugar, nascia uma nova luz, não mais um homem douto, porém um iletrado com a aptidão para a santidade. Félix era homem simples, gabava-se de conhecer só cinco letras, as das chagas de nosso Senhor. Francisco Tittelmans e Félix de Cantalice são dois capuchinhos, muito diferentes entre si pela procedência e formação, mas muito próximos no zelo e amor à Ordem. Eles testemunham como, desde o princípio, a nossa fraternidade acolheu tanto o estudioso, como o humilde filho do camponês, o douto e o analfabeto, desde que animados pelo desejo e a vontade de seguir Cristo.

Quando frei Félix pediu para vestir o nosso hábito fazia pouco tempo do acontecido que quase comprometeu seriamente o início da nova “reforma” capuchinha. Passara-se pouco mais de um ano de quando frei Bernardino Tomassini de Siena, dito o Ochino, Vigário Geral da Ordem, tinha passado para a Reforma Protestante e o Papa Paulo III tinha intenção de suprimir a recém-nata família franciscana. Com a sua santidade, frei Félix contribuiu para a superação daquela crise na Ordem. Ele, de fato, vivendo com autenticidade o seu ser “capuchinho”, demonstrou concretamente qual o propósito que animava a nossa

«Reforma»: retornar à originária inspiração, isto é, à vida e Regra de nosso Pai São Francisco, sendo seus filhos e discípulos, e assim como ele, viver de Cristo na obediência à Igreja.

Dia após dia, por quarenta anos (de 1547 a 1587), como humilde questuante (esmoler), percorre as ruas de Roma, batendo em cada porta para pedir a esmola, mas ao mesmo tempo deixando a bela palavra do Evangelho dita como ele sabia dizer: cantando com as crianças, escutando quem lhe confiava suas mágoas, acolhendo tudo quanto lhe ofertavam. As crônicas dizem que ele tinha sempre o olhar voltado para o chão, mas isto não lhe impedia de ver as pessoas e nem de captar as necessidades de quem estava diante dele: aliviar a dor, confortar o aflito, curar o mal físico ou moral. Quem encontrava o questuante capuchinho frei Félix, jamais partia de mãos vazias. E as mãos de frei Félix eram as que tinham recebido da Mãe de Deus o Menino Jesus, abraçado ternamente por ele: como nos legou a iconografia!

2. HOMEM DO POVO E HOMEM DE DEUS

O estar quotidianamente no meio das pessoas de qualquer condição social, o levava a encontrar as inúmeras misérias espirituais e materiais de seu tempo. Tudo ele recolhia na sua sacola e, voltando ao convento esvaziava-o nas mãos de seu guardião: era o pão, as favas, o que lhe tinha sido dado, mas tinha também todas as desgraças que tinha visto, as crianças que tinha feito cantar, o pranto de tantos, o bom coração de quem não lhe tinha negado a esmola. Tudo e todos frei Félix levava contente à igreja e por eles oferecia ao Senhor a sua oração e o resto de seu dia, habitualmente quase toda a noite. A isto adicionava as penitências de todo gênero, para impetrar a intervenção de Deus por todos, pobres ou ricos, todos necessitados da misericórdia de Deus.

O estar no meio do povo não o distraia da sua união com Deus, ao contrário, isto era o seu modo de contemplar o mistério do amor de Deus pelos homens. Podemos dizer que frei Félix era um contemplativo na rua. No meio das pessoas ele era alegre, hilário, de modo simples, características que o tornavam próximo a todos. Um verdadeiro frade do povo! Ele era conhecido como frade “*Deo gratias*”. De fato era este o seu lema, o seu modo de agradecer pela esmola recebida. Se alguém fazia pouco dele e o julgava um tolo, ele se comprazia

interiormente e conseguia conquistar a amizade também destes, pois os acolhia com a paciência de Deus que sabe esperar o pecador e jamais deixa de amá-lo.

Era tão contente com a sua condição de irmão questuante que costumava dizer: *“Eu estou bem, melhor do que o Papa. O papa tem aborrecimentos e trabalhos, mas eu me alegro neste mundo: e não trocaria esta sacola pelo papado e o rei Felipe juntos!”* O seu modo direto e singelo o levava a trocar gracejos com o Papa Sisto V ou com São Felipe Neri, bem como com o futuro cardeal Cesare Baronio ou com São Carlos Borromeu. Trocava sagazes gracejos com os alunos do Colégio Germânico, mas também com qualquer dama da nobreza romana, sem que aí houvesse sequer uma ponta de malícia! Os santos sabem rir e fazer sorrir, escondendo, como fez frei Félix, o ardor de entregar-se a Cristo, sem que outros percebam. Esta é a humildade de quem não sabe outra palavra além daquela de fazer a vontade de Deus.

3. NO MEIO DELES ESTIVERA UM SANTO

A sua espiritualidade, aparentemente tão simples, era centrada solidamente na pessoa de Cristo, de quem ele admirava se modo particular, o presépio e a cruz. Tinha em grande veneração Nossa Senhora e São Francisco, praticando uma oração acentuadamente afetiva e, na hora de receber a comunhão, se comovia até às lágrimas. Tudo isso fez dele um verdadeiro filho de São Francisco, um frade capaz de andar entre todos, ricos e pobres, cardeais e mendigos, doutos e iletrados e sempre com a mesma postura: acolhimento a quem encontrava, respeito pelo outro, amor pela pessoa que estava diante dele.

Os frades que viveram ao seu lado e puderam se beneficiar de seu quotidiano peregrinar pelas ruas de Roma, provaram o seu zelo pela oração, sobremaneira chamados por ele seja em plena meia noite para a reza das matinas, seja ao alvorecer do novo dia para às laudes. Foram porém igualmente surpresos quando por ocasião de sua morte viram a interminável procissão de pessoas que acorria para venerar seu corpo. Ali vieram todos: as crianças e os cardeais, as pessoas simples e os nobres, os mendigos e o Papa Sisto V. Agora era Roma que vinha ao santo frade questuante invertendo o caminho que por tantos anos frei Félix tinha feito andando no meio do povo.

Naquele dia que se viu frei Félix nascer para o céu mesmo, se era tanta a gente em torno aos seus restos mortais, a voz era uma só e o proclamava “santo”. Os milagres que se dizia tinham marcado o tempo de sua vida terrena, agora eram contados: eram muitos. Também entre os seus confrades havia quem estava atônito. Frei Félix dava assim a sua última lição, aquela que autenticava toda a sua existência: ele tinha vivido tudo em humildade, escondendo o quanto o Senhor concedia à sua oração, às suas mortificações, ao seu doar-se sem reter nada para si mesmo, mas tudo pedindo e doando para o bem daqueles que durante o dia o tinha encontrado.

II. A MENSAGEM DE FREI FÉLIX PARA NÓS HOJE

1. SER DOM AOS IRMÃOS

A característica de São Félix, a que ele deixou em nossa memória, é ter sido um frade, um frade questuante. Aproximava-se das pessoas para pedir, para mendigar, mas sobretudo para *doar*: doar Jesus, dar a paz interior obtida pela oração, doar sábios conselhos sugeridos pela rica experiência de vida. Na pobre e laboriosa família da qual provinha, tinha aprendido a preciosa lição de fazer-se dom a todo necessitado, segundo a valiosa advertência do Mestre Jesus: *“Há mais alegria em dar do que em receber”* (At 20,35).

Cada um de nós recebeu do Senhor esta maravilhosa capacidade de fazer-se dom. E hoje o santo confrade nos estimula a viver na útil e encantadora aventura de ser dom para todos, pois é na prática de uma vida generosamente doada que se consegue o desenvolvimento integral de nossa personalidade, como confirma o Vaticano II: *“O homem é a única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo”*(GS, 24).

Frequentemente, porém, frei Félix tinha feito também a experiência da dura recusa ou de uma porta fechada na cara, mas nestes momentos a sua resposta também era: *“Deo gratias!”* Renovava assim a perfeita alegria encarnando na própria vida o quanto tinha aprendido de São Francisco. Ele não era daqueles que se irritam por uma palavra que pareça injúria à sua pessoa, ou por qualquer outra coisa que lhe é tirada (Adm. XIV). Como homem verdadeiramente pacífico ele suportava tudo por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, conservando a paz na alma e no corpo (Adm. XV). Isto o diz muito bem, o paciente trabalho feito sobre si mesmo, sobre a sua aceitação paciente da correção dos outros.

2. CONTEMPLATIVOS NA AÇÃO

São Félix tem uma segunda característica: a extraordinária capacidade de acolher todos e tudo e de transformar toda situação em *oração* de louvor ao Senhor no segredo da noite. A hagiografia põe em relevo especial o seu espírito orante: *“Frei Félix era uma alma feita para a contemplação. Sem esforço algum, concentrava seus pensamentos no céu mesmo indo pelas ruas de Roma, entre a*

confusão das carroças e a balbúrdia dos passantes. Mas isto não satisfazia o seu espírito sedento do divino. E então ele rezava de noite. As horas de adoração noturna passavam sem que ele se desse conta” (Santi e Santità nell’Ordine Cappuccino, Roma 1980, vol. I, 48).

É uma preciosa mensagem para nós, caríssimos confrades, para acolher com coração aberto e para pôr em prática. A vida de oração revela-se ainda hoje como o critério mais seguro da autenticidade do nosso ser consagrados. Justamente afirma-se como um slogan: *“tu és aquilo que rezas”*, isto é, a oração revela a qualidade da tua vida. É exatamente por isto que alguém, parafraseando um conhecido provérbio, afirma: *“Diz-me como rezas e te direi quem és”*. A oração é um exercício vital que qualifica todas as horas do dia. *“Orar – acrescenta Frei Mariano de Turim – não muito..., mas bem; ou então, muito e bem. Orar porque é belo, porque é justo, porque é suave, e não tanto porque é obrigatório. Cumprir este dever como um prazer, o maior prazer” (R. Cordovani (a cura di), Assoluto e relativo, Roma 2007, 98).*

Jesus fala da oração como uma *“necessidade”*: *“Jesus contou-lhes uma parábola, para mostrar-lhes a necessidade de orar sempre, sem nunca desistir” (Lc 18,1).* Sim, exatamente assim! A oração não é um ato a mais ou algo de supérfluo, ou completamente inútil: é ao contrário, uma *necessidade*; é um empenho essencial ao nosso viver quotidiano; é uma necessidade insuprimível do nosso coração. *“O desejo de Deus está inscrito no coração do homem – afirma o Catecismo da Igreja Católica – porque o homem foi criado por Deus para Deus” (nº. 27).* E a necessidade do encontro com Deus se faz *“sede”* pungente: *“De Ti tem sede a minha alma” (Sal 62,2); “como a corça deseja as águas correntes, assim a minha alma anseia por Ti, ó Deus. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Sal 41,2-3).*

3. OS CAPUCHINHOS: FRADES DO POVO

O nosso santo confrade era um religioso sempre disponível e acolhedor. *O acolhimento* fazia dele uma pessoa procurada por todos. Não porque ele tinha um título ou um papel certificado e aprovado pela sociedade, mas porque tinha o título de autêntico crente em Cristo certificado por seu modo de viver. Podia dizer de Deus, que Ele era o seu único bem! É aqui que a sua vida assume um significado que vale para todo tempo e em todo lugar. Em nosso tempo somos

todos levados a buscar títulos e a ser protagonistas, correndo assim o risco de excluir Cristo da nossa história pessoal.

Os capuchinhos são *os frades do povo*. Esta é a nossa carteira de identidade de todos os tempos. Contudo, também hoje, para uma confirmação concreta deste singular cartão, resta-nos o empenho de viver uma plena e convicta abertura para Deus, a fim de sermos abertos, acolhedores e disponíveis a todo irmão necessitado. Exatamente assim! Frei Félix foi um *homem de Deus e um frade do povo*. Acolher quer dizer deixar passar a graça e a salvação do Senhor no encontro com o irmão. A diaconia do acolhimento implica sempre num sair de si para abrir-se ao outro; acolher cada um como “único” e como “outro” em nossas expectativas e em nossos esquemas.

Finalmente, sabemos que os contemporâneos de São Félix, homens poderosos e pessoas simplicíssimas, cultos e analfabetos, todos o procuravam em primeiro lugar por sua santidade, porque ele era autenticamente um homem de Deus. Fazia parte do grupo dos que viviam a *pobreza* com alegria e por isso era livre tanto da cobiça como da avareza (Adm. XXVII). Hoje, facilmente nós somos levados a esquecer que aquilo que nos atraiu tanta simpatia e fez de nós capuchinhos, por muito tempo, uma das Ordens mais admiradas, foi exatamente a prática consequente da pobreza. São Félix vive o tipo de pobre voluntário capaz de harmonizar tanto a pobreza exterior quanto a interior, porque além de não possuir nada não se zanga nem se perturba com coisa alguma (Adm. XI). Vejamos como nele “*o nada de próprio*” atinge o seu mais alto nível, fazendo dele um homem verdadeiramente livre.

Ressoa claro também para nós, o convite de Jesus ao desapego dos bens da terra (*casa, campos, irmãos, irmãs, filhos, pai, mãe...* Mc 10,29); aqui emergem dois aspectos essenciais da pobreza: o efetivo e o afetivo, isto é, o afastamento real, concreto, prático de toda posse e o desapego do coração. Trata-se de não apoiar o coração em nenhum bem criado para aspirar a possuir o único verdadeiro Bem, Deus. Somente Deus pode responder plenamente a todas as exigências de nosso coração e de nosso espírito; somente Deus pode preencher os imensos vazios de nosso mundo interior.

Irmãos caríssimos, São Félix, o primeiro capuchinho a ser canonizado, iniciou uma longa fileira de frades, que tão bem como ele, seguiram a escola do Seráfico Pai São Francisco. Eles representam a verdadeira riqueza de nossa Ordem, mas

seria grande vergonha para nós se nos limitássemos a contar e a pregar as coisas que ele fez, enquanto ele as fez realmente! (Adm. VI). Nesta ótica, a recordação de São Félix hoje se torna para nós um forte chamado a viver, primeiro a nossa consagração religiosa, os votos, com extrema coerência. Em um mundo em que desapareceu o senso de Deus, que não fala mais d'Ele e menos ainda a Ele, nós somos chamados a nos tornar um apelo fortíssimo a redescobrir estas dimensões essenciais de cada vida. Somos chamados a fazê-lo com humildade e alegria.

Frei Mauro Jöhri
Ministro Geral OFMCap

Roma, 18 de maio de 2012
Festa litúrgica de São Félix de Cantalice

SOMMARIO

I. Breve perfil biográfico de frei Félix.....	5
1. Anos difíceis para uma Ordem nascida há pouco.....	5
2. Homem do povo e homem de Deus	6
3. No meio deles estivera um santo	7
II. A mensagem de frei Félix para nós hoje	9
1. Ser dom aos irmãos.....	9
2. Contemplativos na ação.....	9
3. Os capuchinhos: frades do povo.....	10

